

**Deponente:** Elisa Rocha Martins

**Entrevistador:** Janaina Campos de Freitas Breugelmans, Larissa Fernandes Ribeiro de Assis, Mariane dos Reis Cruz

**Data:** 28 de junho de 2017

**ENTREVISTADORA:** Boa tarde. Hoje é dia 28 de junho de 2017, a gente está aqui na sede da Covemg, na Casa de Direitos Humanos, para ouvir a Eliza Rocha Martins, que é filha de Belizário Ferreira Rodrigues. Eliza, pode começar o seu relato, por favor.

**ELIZA:** Sim. Eu não me lembro de todas as coisas, porque, por causa que era muito pequena na época, eu já te falei, mas a que eu lembro, as perseguições dentro de casa, que a polícia chegava em casa chutando porta, né, levando ele preso. Outras vezes na rua, no emprego dele, né, constrangimento psicológico, tortura na cadeia, perseguição na escola, a professora tinha tratamento diferenciado com a gente por causa de a gente ser filho de comunista, né, as merendas eram diferenciadas, tratamento diferenciado por causa disto, né, e perseguição dentro da escola também, dentro da sala de aula também por causa disto. Ah, é filho de comunista? Era tratado de forma, digamos assim, agressiva por causa dele ser comunista e eu nem sabia o que que era comunismo. Eu perguntava para a minha mãe: Mãe, o que que é comunismo? Ela mandava a gente fazer (psch), não podia nem sequer falar, perguntar isto. Então muitas vezes eu queria saber coisas que ela não deixava eu saber, talvez para me proteger, talvez com medo que eu abrisse a boca e contasse para os vizinhos, que os vizinhos começou a nos tratar com diferença, né, com indiferença. Eu vou contar um relato aqui da minha irmã que faleceu. A minha irmã faleceu dentro de casa, meu pai quando, andando pela casa com ela já moribunda, ela começou a chorar, chorar, chorar e perder fôlego até que ela morreu, não tinha mesmo como salvar ela. Havia uma pessoa dentro da casa, não sei se era farmacêutico, não sei se era médico, quem era, que falava: Ela não vai aguentar, ela vai morrer mesmo e a criança morreu. Devia ter uns dois meses de nascido, um mês ou dois e ele não pode fazer o enterro da menina por causa da perseguição. O quê que ele fez? Ele foi até a sapataria vizinha e levou lá, o sapateiro colocou dentro de uma caixinha e deixou lá. Minha mãe foi lá ver, ela estava dentro de uma caixinha, aí a minha mãe falou assim: Gente, mas eu não posso aguentar isso, deixar a minha filha daqui dentro dessa caixinha de sapato aqui. Mas para fazer o enterro da menina teria que o pai estar

presente, saber porque que a menina morreu dentro de casa, fazer todo o tipo de processo, de procedimento a respeito disso e não se podia fazer isso porque, por causa da perseguição. Inclusive nos nossos registros de nascimento não consta o sobrenome dele, Ferreira Rodrigues. Por quê? Por causa da perseguição da ditadura. Nós temos somente um reconhecimento de filho, chama escritura de reconhecimento de filhos e qual consta aí o nome dele, o nome da minha mãe e vem Eliza, Messias, Marcelina, Antônio, Luiz, o nome de todos nós relatando que somos filhos legítimos dele por causa disto, por causa da perseguição. Nós não temos o nome do nosso pai nos nossos registros de nascimento, temos apenas a escritura de reconhecimento de filhos. Bom.

**ENTREVISTADORA:** Eliza, só um minuto, te atrapalhar.

**ELIZA:** Tá.

**ENTREVISTADORA:** Mas se você puder falar para a gente as datas, que ano, mais ou menos, foi isso.

**ELIZA:** 63 para cá.

**ENTREVISTADORA:** Aí se puder falar a idade de vocês, a sua data de nascimento, quantos anos você tinha.

**ELIZA:** Tá. A minha data de nascimento e 12/08 1953. Tem um irmão, que é o Luiz Carlos, que é 12/10, 12/12/1954. Aí tem Messias, que é 15/05. Ele é de 1960 e, 1957, depois vem o Antônio, que é 1960, depois vem a Cida que é 65. Hoje eles estão com a idade de, ela com 50 anos, 50 e poucos anos, o Antônio 57, o Messias 59, o Luiz 63 e eu 60. Esse, o Marcelino já é falecido, que é meu irmão que faleceu e já fazem já uns 10 anos que ele faleceu, ele veio depois do Antônio. Mas vivos só temos eu, a Cida, Luiz, Messias somos vivos, os outros morreram. Essa data, eu vou falar uma coisa para vocês, é muito triste você lembrar de coisas tristes assim, de coisas que você quer esquecer. Por quê? Porque marcou de forma brutal, você, vieram um ônibus, encontrar a pessoa dentro do ônibus, eu queria abraçar a pessoa, a pessoa virava o rosto, fingia que não estava me vendo, com medo que eu chegasse e cumprimentasse. Olha que situação. Pessoa que estava, que comia na minha casa, brincava comigo e tipo, crescemos praticamente juntas, dentro do ônibus eu ia abraçar e cumprimentar, virava o rosto e ia lá para frente com medo que eu a cumprimentasse ela. E na escola também o tratamento era muito diferenciado, nós éramos jogados às traças, bem dizer, porque tudo o que era de melhor era para aqueles alunos X e nós era o restolho, né? Então na hora da saída também, todo mundo saia primeiro, depois

saíamos nós. E vá perguntar a minha mãe: Porque que eles saem primeiro e nós temos que sair depois? Ela não falava nada, você nem. Ela sabia o porquê, mas não falava nada. E outra coisa também: Passamos fome, que o meu pai era o sustento da casa, a minha mãe não trabalhava fora.

**ENTREVISTADORA:** Quando que ele foi preso?

**ELIZA:** Ele foi preso em 63, 64.

**ENTREVISTADORA:** E quanto tempo ele ficou preso? Você não lembra?

**ELIZA:** Ficou 2 anos. A última vez ficou dois anos.

**ENTREVISTADORA:** Ele ficou mais de uma vez, foi mais.

**ELIZA:** Ficou, mais de uma vez ele foi preso. Que eu me lembro, umas três vezes.

**ENTREVISTADORA:** Sim.

**ELIZA:** Uma vez ficou um ano, uma vez ficou alguns meses, outra vez ficou dois anos.

**ENTREVISTADORA:** Dois anos. E qual que era a profissão dele?

**ELIZA:** Ele era vendedor, vendedor de biscoito e balas, sempre trabalhou na Aymoré, que antigamente era Fábrica de Biscoito e Bala Confiança, depois passou a ser Aymoré. E mesmo antes dessas datas de 63, 64, que eu nasci em 53, em 56, quando nasceu essa menina, Maria de Fátima, que ela faleceu, eu não sei que trabalho que ele tinha, o quê que ele fazia. Ele trabalhava com o quê? Eu não me lembro, a minha mãe não chegou a falar isso comigo, mas eu lembro que ele trabalhava, ele fazia, assim, tipo uma entrega de jornal, chamava Jornal do Povo. Ia de casa em casa entregando esse Jornal do Povo. E esse jornal era para comentar o quê que se sabia sobre o que estava acontecendo com o país em relação a financeira, né, social e parece que estava alguém, algum relato do jornal não estava de acordo com o que eles queriam que fosse falado. Por causa disso ele foi preso, por causa desse Jornal do Povo. Isso foi bem antes de 63. Depois ele foi preso outra vez, 63 ele foi preso, 64 ele foi preso, 65. 1970 ele foi solto. Ele ficou preso dois anos, em 1970 ele foi solto. 69, 70 por aí. Ele era um homem muito bravo, muito nervoso, muito explosivo, bravo demais com a gente dentro de casa. Era, não era um homem carinhoso, porque um homem que foi torturado na cadeia não podia ser um homem carinhoso. Eu não me lembro, assim, de uma parte, meu pai me pegasse no colo e me desse um abraço, um beijo. No meu diploma de escola, quando eu fiz 10 anos, eu fiz o encontro de escola primária no Grupo Escolar Eliseu Laborne e Vale, lá do Jardim Montanhês, e ele, eu fiquei olhando, assim, todo mundo com os seus pais, né, ou mães ali, que ele podia vim, aí vinham mães ou tios, eu fiquei procurando. Saber, cadê o meu pai? Fiquei

assim olhando e ele estava escondido atrás de um pilar da escola com medo de aparecer. Ele me viu, fez inclusive, fez um verso lá, declarei um verso lá. Todo mundo falou, né, que estava contente por causa daquilo e meu pai teve, foi quando o meu pai, mas o meu pai estava escondido, ele não podia aparecer em público. Porque, ah, é comunista, ah, tem um comunista aqui dentro, então ele ficou ali escondidinho. Aí quando eu cheguei em casa eu falei: Mãe, o pai, o pai não foi lá me dar um abraço. Porquê? Ela falou: Ele vai dizer para você, um dia ele vai te contar porque que ele não quis te dar. Não é que ele não quis te dar, ele não podia aparecer em público. Eu fiquei assim pensando, porque que o pai de todo mundo foi lá e o meu não foi, né? Ele ainda, inclusive ele nem foi comigo até a casa, eu tive que ir a pé, morava perto da escola, eu fui a pé e pensando porque que ele não foi lá. E algum dia ele vai te contar, só que não me lembro que ele tenha contado o porquê, que tinha aquele negócio dos filhos, que eles queriam saber e os pais falavam assim: Isso não é coisa de criança saber não. Olha, vai brincar, você não tem que escutar essas coisas. Então a gente queria saber, mas eles não relatavam o que era realmente a fundo aquilo ali, mas que era vergonhoso era. Porque os meus vizinhos tudo é diferente com a gente, os colegas que tinha a maior amizade, era tudo diferente, né.?

**ENTREVISTADORA:** Entendi.

**ELIZA:** E outra coisa também, fome. Porque ele não estava trabalhando e ela também não trabalhava, ela não tinha ofício nenhum. Aí uma vez ela, há um tempo atrás, quer ver? Foi em 1957, 58 por aí, ela fazia aqueles bordados de ponto de trigo, para poder forrar o altar da igreja católica, e o padre pagava para ela sobre aquelas toalhas que ela fazia para forrar o altar. Com aquele dinheiro que ela fazia nas igrejas, esses bordados, é que ela pagava advogado para tirar ele da cadeia e era difícil demais, muito difícil. Porque nós tínhamos que comer, tínhamos que pagar o aluguel da casa, dois cômodos ou um cômodo, tinha que comprar leite, tinha que pagar advogado, então era, foi muito difícil. Uma vez eu estava com tanta fome, tinha um pé de mamão lá em casa, aí ela olhou, assim, para o pé de mamão, ela começou a abraçar o pé de mamão, o mamão caiu no chão e ela pegou e tirou aquela nódoa do mamão, para não ferir a minha boca, lavou aquilo bem lavadinho, partiu e falou: É o que tem, come. E eu estava com tanta fome que eu comi mesmo aquele mamão verde, sabe? Qualquer coisa, eu estava com muita fome. Às vezes os vizinhos faziam, assim, arroz, feijão, aquele cheirinho de arroz refogadinho, feijão, eu falava: Mãe, mãe, mãe, feijão? Ela fazia: Psch. Aí ia no quintal e cantava um chuchu cru, né, um repolho, qualquer coisa e

dava, porque ela gostava de plantar e dava aquilo para comer, porque não tinha feijão com arroz dentro de casa. E ela sem trabalhar, o meu irmão era pequeno, tinha problema de hemorróidas, então foi uma vida, assim, muito humilhante, muito. Porque não estava dentro de casa para sustentar a família. Ele trabalhava, ela não trabalhava, né? Fomos despejados de casa, que a gente morava, porque não tinha o dinheiro para pagar o aluguel. Eu tinha que ver lá, eu não me lembro disso, foi ela que contou, tá? Que ela, a casa chovia dentro de casa, tinha goteira e chovia dentro de casa, aí o homem chegou lá para dispensar, despejar ela da casa, um oficial de justiça para despejar ela da casa e falou: Nossa, eu não posso fazer isso, se eu fizesse eu sou um monstro, a senhora com esse menino pequeno nos braços, mais essa pequena, se outro vem aqui, fala que eu estive aqui, ou que não, que eu não encontrei a senhora e tenta qualquer coisa, eu não tenho coragem de botar a senhora para fora nesse estado. Aí a vizinha veio, limpou a casa toda, trocou o lençol da cama, pegou uma sopa e deu para ela, e disse: A senhora não pode ficar aqui sozinha com esses dois meninos, o seu marido está preso. A vizinha sabia que ele estava preso. São relatos assim da minúcia, minuciosos. Minuciosamente tem coisas que a minha mente apagou. Por quê? Porque são histórias muito tristes, muito vergonhosa. Eu quis também que não lembrasse mais daquilo, porque são coisas que me deixam triste. Ele não era um bandido, um assassino, ele não era um bandido. Ele era um homem que a ideologia dele era uma e a deles outra talvez, eles chamam ele como o inimigo da nação, digamos assim. Mas ele não era, ele era um homem bom, mas quando ele foi preso ele começou a mudar. Por quê? Por causa da tortura. Ver os colegas morrendo ali, apanhando e ele também, então ele era um pai muito bravo, era um pai muito rigoroso dentro de casa. Chegasse em casa com uma coisa que não era da gente, ele falava: Aonde você pegou isso? Vamos lá, eu quero saber quem te deu. Era assim. Então e muito bravo. Chegava, saía de manhã e deixava um ofício para cada um fazer. A casa tia quintal, tinha chiqueiro de porco, tinha plantas para poder molhar, cada um tinha a sua obrigação, o dever de casa. O seu dever de casa, vem aqui. Ah, está errado, faz de novo, né? Não era um pai, assim, de botar no colo, fazer carinho. Por quê? Porque ele passou por esse processo doloroso na cadeia, entendeu? Ele é um desconfiado, um homem, um homem assim, não é aquele homem, aquele pai carinhoso, não era, mas porque tiraram dele é essa, talvez, essa vontade que ele tinha de ser carinhoso, mas ele não era, por causa que ele passou essas torturas dentro da cadeia.

**ENTREVISTADORA:** Isso mudou ao longo do tempo, depois que ele ficou mais tempo em casa ou não?

**ELIZA:** Não, não mudou, mudou não, não mudou. Ele era muito severo, ele olhava em você, assim, você ia contar uma coisa e ele: Você está mentindo. Era bem no seu olho, assim. Ele tinha a mania de conversa olhando no meu olho, eu quero que você converse olhando aqui ó, olho no olho, ele era muito bravo. Mas porque que ele era assim? Porque lá atrás ele passou por esse processo de tortura, eu acredito que foi por causa disso. Entendeu? Mas a gente, a gente que viveu isto, que não era diferente das pessoas, dos vizinhos, da história aí de escola, todo o pessoal, cada um, ninguém falava com a gente, desde que você passando fome dentro da sua casa, sentir o cheiro de um arroz refogando lá da casa do vizinho, do feijão, você sentir fome, mas está aí quietinho, porque não tinha, fazer o quê? Ali era um quintal na casa, que ela gostava de plantar, né? Fazia aquilo cru para a gente comer, punha só sal, assim, quando tinha sal. Uma vez ela fez o macarrão, gente, isso é doloroso isso. Ela fez, parecia um banquete, assim, o macarrão, né, porque fazia dias que a gente não comia, só comia quando ia para a escola. Domingo e sábado não tinha escola, o que que a gente ia comer? Então ela fez aquele macarrão bem branco, colocou na mesa, eu fiz assim: Eu não quero isso não. Tem que comer esse arroz sim. Come, dias haverá que nem isso você vai ter, nem isso você vai ter. Eu não queria comer aquele macarrão branco, porque foi nojento, assim, aquele macarrão bem grossinho, não é aquele fininho. Eu não sei como é que chama, o número, não sei como é que é aquele. Sei que ela falou assim: Come, porque dias haverá que nem esse você vai ter e teve mesmo, teve dias que não tinha. Era só verdura crua quando tinha. Quero esse chuchu, não tinha. Começou a acabar o chuchu, acabar o mamão, né? Porque ela tirava a nódoa do mamão, aí não feria a boca, descascava aquilo e fala: Come. Mãe, está cru. Come. Não tinha gás. Não tinha madeira para poder queimar no fogo, porque era um fogo. O quê que ela fez? Nós tínhamos cadeira, olha só, cadeiras. Ela quebrava as cadeiras, começou a quebrar as cadeiras para fazer lenha, para poder pôr no fogão de lenha. Aí as cadeiras acabaram, começou a quebrar as camas também, até isso ela fez, porque os vizinhos falavam assim: De onde vocês são? Cadê o seu marido? Ah, está viajando. Não estava, estava preso. Os vizinhos da outra casa, que a gente morava ali na rua, Flor de Laranjais no Jardim Montanhês, duas casas na rua Flor das Pedras, depois na Rua Flor de Vidro, no mesmo alpendre. Ali que a coisa esquentou mesmo, ali foi triste, porque não tínhamos o que comer, a

Cemig foi lá e tirou o relógio de luz, não pagava, né? Eu era, eu tinha o quê, 15 anos talvez, 14 ou 15 anos, o meu irmão, o Luiz Carlos, tinha uns 13, 14, então a gente não trabalhava, só ia para a escola. Então tudo isso que aconteceu, essas coisas que aconteceram, muitas coisas eu não lembro, não consigo lembrar, mas o que eu estou relatando agora é o que eu posso, só eu me lembro, viu? Do constrangimento na escola, do constrangimento. Posso beber?

**ENTREVISTADORA:** Sim, que eu vou servir. 00 16 57

**ELIZA:** A boca está seca. Uma vez foi uma pessoa lá em casa, chama-se Airton Vargas. Ele morava na rua, ele é falecido, na Rua Das Pedras, em frente à nossa casa, ele falou assim: Vocês estão precisando de alguma coisa? A minha mãe cutucou, balançou o dedo assim, para falar que não, que não estava precisando de nada e esse homem era da polícia. Eu não sei se ela ficou com medo porque ele era policial. Eu não sei se ela ficou com medo, alguma coisa, ela não queria que nós aceitássemos ajuda desse policial, Airton Vargas, mas não foi por acidente, ele é falecido, foi até Delegado de Polícia. Ele nos conheceu desde quando a gente era pequena na Rua Das Pedras. Então ela não quis, ela não aceitou ajuda. Porque que ela não aceitou até hoje eu não sei. Porque ela falou: Talvez porque é da polícia? Ela tinha medo? Porque quando meu pai estava preso no DOPS, ele estava lá dentro uma vez, ele estava, ele também estava lá dentro e ele virou as costas para nós. Aí ficou olhando para ele, assim, talvez fez menção de cumprimentá-lo e ele, ele virou as costas, que ele súbito, assim, virou as costas. E ela olhou, assim, para nós: Esse homem veio dentro da minha casa, agora que está assim, né, porque tem diferença. Aí tempos depois quando ele foi lá, o meu pai estava preso e ele foi lá perguntar se estava precisando de alguma coisa, ela fez e cutucou e fez assim com o dedo: Fala que ele não. Por quê? Medo do quê? Não sei, aconteceu esses fato. As pessoas tinham medo de conversar com a gente dentro do ônibus, na rua. Entendeu? Tudo porque o meu pai foi preso como comunista. Então eu falo francamente: Ditadura nunca mais, é uma época de muita vergonha, indiferença das pessoas, humilhação, fome, então nunca mais. Se a pessoa: que bom, bota a ditadura. Não, gente, vocês não sabem o que estão falando, ninguém sabe, ninguém sabe o que nós passamos. Fome, humilhação, viu, indiferença das pessoas. Tu sabe o que é conhecer a pessoa desde pequeno, a pessoa virar as costas para você e fingir que não está te conhecendo, que não está te vendo? Era assim. Viu? Então é humilhante e ele era um homem muito bravo, muito nervoso. Talvez, eu acredito, por causa que ele lá sofreu

humilhação lá dentro. Sabe, uma vez eu fui lá ver, nesse lugar aqui ó, eu queria saber todas as fases da vida do meu pai, como ele foi preso, o que aconteceu com ele lá dentro.

**ENTREVISTADORA:** No Arquivo Público?

**ELIZA:** Isto. Chegou lá, uma moça, um rapaz é, pois não, não pode levar caneta e nem celular lá dentro, nem caneta, nem celular, só um lápis. Eu queria saber mais sobre isso, porque tem coisas que você não consegue lembrar e tem coisas que você consegue. Eu queria saber o que que aconteceu com ele. Porque ele foi preso. O que que era, realmente, esse tal de comunismo. Tinha páginas restritas no computador. Mas pensei: Por quê página restrita? Porque você, porque tem coisas, esse rapaz disse assim: Tem coisas que constroem tanto a história da pessoa que passou por aqui, como o familiar que vai ver, que talvez arrancou um pedaço da orelha, o dedo, tirou unha, arrancou unha, né? Então, furou o olho, pau de arara, essas coisas, cortar membro das pessoas, ai, que coisa horrível. Ele falou: É. Então essas páginas, para você, restritas, para não deixar você mais triste ainda, porque se você veio aqui saber disto, porque você tem alguma coisa dentro de você e quero saber em minúcias, porque, e até hoje eu me pergunto por queijo? Ele não era bandido, meu pai não era bandido, não era drogado. Não é que eu tenho nada contra, cada um tem a sua vida, mas ele não era um ladrão, um bandido, ele tinha uma ideologia, ele tinha uma, ele era muito assim de ver o Brasil, ele falava assim: O Brasil é um país muito rico, só que ele é mal administrado. Ele tem, o Brasil precisa ter gente aqui para botar isso aqui para funcionar, botar isso aqui para a frente e não tem. Tanto é que agora a gente está vendo como é que a bagunça está feita, né? E ainda querem que a ditadura volte. Eu acredito que se voltar vai ser muito pior, aí sim, vai ser muito pior. Porque você não tem o direito de abrir a boca para falar o que eu estou falando aqui agora com vocês. Se chegar alguém aqui, pensou, levar todos nós, tudo preso porque estamos falando sobre isso. Então é você não ter liberdade de expressão, você não ter liberdade para comunicar com uma pessoa, contar, fazer perguntas. Por quê isso? Não, não pode. Até a minha própria mãe fala: Psch, cala a boca. Ela tinha medo, morria de medo. Muitas vezes saía, a polícia ia lá em casa, ela saía correndo segurando a barriga, porque a barrigona era grande, prestes a dar à luz, ela não aguentava nem correr. Ela falava: vai, eu não aguento. Se escondia, eles passavam por ela, eu não sei nem como atrás dele e deu: Eu falei: Mãe, porque a senhora, já que a senhora passou tudo isso com o meu pai, porque a senhora ainda ficou com ele? Porque eu amava o seu



pai, o seu pai não era um homem mau, não era um bandido, eu amava o seu pai, eu queria, eu achava bonito as coisas que ele falava, eu achava aquilo, assim, interessante, porque não era uma coisa que ia prejudicar outra pessoa. A ideologia dele era uma coisa boa, mas por causa dessa ideologia, que nem ele vende esse Jornal do Povo. Por quê que é a gente vender o jornal? Sair distribuindo jornal nas casas dos outros? Não era nada demais e foi preso, primeiramente, por causa disso, daí começou.

**ENTREVISTADORA:** A primeira prisão foi quando ele estava distribuindo o jornal?

**ELIZA:** Sim.

**ENTREVISTADORA:** Mas ele participava da feitura do jornal também, ou ele só distribuía?

**ELIZA:** Não, ele só distribuía.

**ENTREVISTADORA:** Isso na década de 50 ainda, né?

**ELIZA:** É, é. Entendeu? Foi daí que começou as perseguições. E eles perseguiram mesmo. Vinha nas casas, chutava porta e pegava pelo cabelo e ia levando. Entendeu? Então eu não quero, que Deus me perdoe, olha gente, eu sou pequenininha, mas eu não quero que volte essa época não, porque foi uma época muito humilhante, só quem passou é que sabe. Viu? Você ser tratada como cachorro nas escolas, com os seus vizinhos, com os seus amigos, todo mundo se vira as costas para você, fingir que não te conhece, com medo de você cumprimentar. Isso é horrível, você querer dar um abraço em uma pessoa, a pessoa virar as costas para você e sair correndo com medo do seu abraço. O que é isso? Tipo, como se você tivesse uma doença, então passamos muito por isso e fome também. Às vezes o meu irmão Marcelino, ele é falecido. Ele foi para a escola, quando ele voltou, isso foi em 1958, por aí. Ele voltou da escola, ele começou a vomitar, vomitar e começou a sair aqueles vermes da boca dele, ele chorou, chorou, chorou até. A minha mãe não podia levar o meu irmão em um médico. Gente, isso é um absurdo, né? Ele chorou até dormir, quando ele acordou, ele acordou pálido, assim, amarelo. Aí lá em casa fazia sabe o quê? E ela plantava erva cidreira, ela fazia chá de erva cidreira para a gente tomar. Só que a erva cidreira, ela abaixa a pressão. A gente ficava assim ó, mole e caía na cama, a gente não aguentava levantar, porque não tinha o que comer, era aquilo e quando aparecia alguém lá com fubá, uma pessoa que conhecia ela, assim, de boca né? Ah, falava assim: Ué, essa casa, eu acho que pensava assim: Essa casa não tem comida não? Porque você percebe quando a pessoa não tem o que comer dentro da casa. Todo

mundo é triste, a casa não tem cheirinho de comida, levava fubá, levava macarrão, ela fazia aquilo branco para a gente, fazia um fubá lá, então aquilo era um banquete, né, um banquete. Então esse dia que ele passou mal, que ele chorou, chorou até dormir ou ele desmaiou, eu não sei. Quando ele acordou, acordou muito amarelinho, ela foi lá no quintal, pegou esse chá de erva cidreira e veio trazer a erva cidreira para ele tomar, ele, ele não quis, ficou quieto. No outro dia, de manhã, ele tinha que ir para escola, aí ela deu um banho nele, arrumou ele, foi lá que ele foi comer, na escola, porque se não fosse a escola e mesmo assim na escola era, o tratamento era diferenciado por causa dessa perseguição política. Então eu falo francamente: Quem diz, assim, que tem que voltar a ditadura, não sabe o que está falando, porque não passou o que nós passamos. Indiferença, humilhação, constrangimento, dor, vergonha, fome.

**ENTREVISTADORA:** A senhora tem alguma lembrança de algumas prisões do seu pai?

**ELIZA:** Do DOPS. O DOPS, eu ia, eu e a mãe, os meus irmãos visitá-lo e tinha, ainda tem uma escada comprida, assim, com degraus grandes, parece que é mármore aquele piso. Não é assim? A gente sentava ali esperando o meu pai sair. Quando ele saía de lá dava dó olhar o meu pai, porque era um homem sem cor, era um homem sem cor, magro, pálido, triste. Ele vinha assim, ele queria até sorrir para cumprimentar a gente, a gente percebia que ele estava com medo. Uma vez ele falou assim: Não sei quando que eu vou sair. E a Márcia: Quando é que você vai sair? Ele falava assim: Eu não sei, talvez eu nunca saia. Ele falou isso. Eu fiquei assim, mãe, o pai falou que não vai sair mais. Porque que ele falou aquilo? Psch. Tudo o que a criança, de perguntar para esse respeito, ela fazia: Psch. Ela não queria nem sequer que eu comentasse. Oh, você não vai falar isso para ninguém. Está escutando? Nem na escola, para ninguém. Não queria que eu comentasse. O medo era tão grande da repressão, que ela fazia Psch e aquele tempo era assim, né? Criança não podia ficar escutando conversa de adulto. Sai da sala. Chegar alguém aqui, visita, essas, não fica na sala não, todo mundo vai brincar lá fora. Então é muita coisa que acontecia, eu não estava ciente porque não podia participar daquilo. Hoje é diferente, você vê criança dando palpite, conversando, dando opinião, antigamente não era assim. Então eu queria lembrar coisas, assim, mais coisas para relatar aqui, mas eu não consigo lembrar, porque era tão fechado aquilo, tão assim, talvez ela tinha medo de eu comentar na escola ou: Ah, o meu pai é comunista. Sabia? O meu pai foi preso. Ela fazia: Psch, se você comentar, eu corto a sua língua, nada para comentar. Está escutando? Não é

para comentar nada. Você não sabe de nada, você não viu nada, você não sabe de nada, então era assim. Eu queria lembrar mais coisas. Esse relato quando teve a menina que ele não pode enterrar, né? A humilhação na escola, tudo bem. Seu Airton Vargas, que era muito amigo da gente, virou as costas para nós. Tempos depois é que ele foi lá em casa, chegou, assim, lá no portão. A casa tinha um quintal grande, ele gritou: Tua mãe está aí? Eu fiz assim, não estava não, ela estava trabalhando em um restaurante, cozinheira. Aí eu falei: Não está não. Ele falou assim: Vocês estão precisando de alguma coisa? Não, minto, ela estava sim, ela estava, ela trabalhava, assim, mas ela estava, ela estava em casa, que ela fez assim, deu uma cutucada aí e fez com o dedo assim ó. É para falar que não estava em casa. Talvez com medo, sei lá do quê que ela tinha medo, não, ela tinha medo, era uma mulher muito medrosa e a gente ficava sem saber o que fazer, como agir. Digo: Eu não conversava mais com ninguém. Nós (ininteligível) quebrei uns 6 anos, 7 anos. A casa era a nossa. Até que ela vendeu a casa, a casa era recém-construída, não tinha acabamento, ela vendeu a casa, nós saímos de lá, ela comprou, arrendou um restaurante, começou a vender comida para fora e alugou uma casa e nós ficamos naquela casa. Nós perdemos tudo, assim, em questão de pouco tempo. Entendeu? E nós não vivemos, convivemos com ele até a morte dele, ele se separou, separou da minha mãe, foi viver com uma outra mulher. Entendeu?

**ENTREVISTADORA:** E depois de sair da prisão, pouco depois?

**ELIZA:** É, depois. Essa mulher.

**ENTREVISTADORA:** Foi logo depois que ele saiu ou não?

**ELIZA:** Não, essa mulher que conviveu com ele, ela não conviveu com ele na parte da ditadura, ela não passou por essa parte. Foi lá por 1970, 71, que ela começou a conviver com ele. Nós é bem antes. Então se chegar alguém aqui, falar com vocês francamente, e chegar alguém aqui e falar assim: Olha, eu sou, eu sou a Maria da Conceição Fausta Vieira Rodrigues, ela assina o sobrenome do meu pai, que ela casou com ele um mês antes de ele falecer. Se ela chegar aqui e falar sobre a ditadura, ela não pode falar, ela não conviveu, ela conviveu depois da ditadura. Ela nunca foi humilhada, não passou com ele na cadeia. Viu? Então ela não pode falar, assim, que conviveu, porque ela não conviveu. Quem conviveu foi a minha mãe, nós, os irmãos.

**ENTREVISTADORA:** Que ano que ele foi solto mesmo a última vez?

**ELIZA:** Em 68, é por aí. Talvez não me lembre. Datas assim, eu não lembro. Ele foi preso não só uma, nem duas, três vezes, mas assim, a data, a última data que ele foi solto foi em 1967, 68, por aí e em 70, ele foi morar com essa mulher. Quando ele, ela casou-se com ela, um mês antes de ele falecer, ele morreu em julho e em junho ela casou com ele.

**ENTREVISTADORA:** E ele morreu 70, então?

**ELIZA:** Não, morreu não.

**ENTREVISTADORA:** Morreu não?

**ELIZA:** Não, em 2002, por aí.

**ENTREVISTADORA:** Ah, tá.

**ELIZA:** Foi em. Então. Então essas histórias que eu estou contando para vocês aqui agora, porque pode ser que venha aqui e relate essa mesma coisa.

**ENTREVISTADORA:** Não, a gente.

**ELIZA:** Aí vocês vão ver pelos documentos, né, porque vocês devem ter acesso a internet, para saber quem é Eliza, quem foi Luís, quem foi Belizários, as datas, vocês também têm acesso, eu sei que vocês têm esse recurso para isso.

**ENTREVISTADORA:** Sim.

**ELIZA:** Ela pode chegar aqui contar uma história. Inclusive tem uma, como é que diz? Anistia sobre presos que foram presos e o governo estava pagando indenização.

**ENTREVISTADORA:** Indenização.

**ELIZA:** E ela quer porque quer receber essa indenização e ela não participou da ditadura. Então ela não tem direito, nós temos direito, ela não tem. Nós não recebemos ainda essa indenização, mas ela quer porque quer receber, porque ela é viúva dele.

**ENTREVISTADORA:** Sim, mas vocês entraram?

**ELIZA:** Já entramos, mas não saiu ainda não, teve um advogado, tudo aí tudo, mas não saiu ainda.

**ENTREVISTADORA:** É, Eliza, a Larissa tinha te falado, essa aqui é a subcomissão que trata os filhos.

**ELIZA:** Sei.

**ENTREVISTADORA:** Então não, o relato dela não nos interessa, a gente não a procurou.

**ELIZA:** Certo, mas não viveu.

**ENTREVISTADORA:** A gente não a procurou, a gente não sabe nem da existência dessa pessoa. É importante, para a gente, ouvir os filhos, seja escrito ou seja oral mesmo a narrativa e é importante escutar os setores das prisões, o que aconteceu, das consequências depois, né, depois da soltura dele, de como a família viveu, sobreviveu no período em que ele estava preso. É isso que nos interessa.

**ELIZA:** Olha, a ditadura, ela fez uma coisa muito ruim para mim. Por quê? É difícil demais falar isso, eu, o meu pai, eu já falei que ele era um homem muito duro. Eu estava ficando mocinha, então eu ficava me olhando no espelho, assim, meus seios, olhando o meu corpo. Para quê que eu fazia aquilo? Menina, o que você está fazendo aí? O que é isso, olhando na frente do espelho? Eu estava me achando bonita. Gente, o que que tem isso demais? Eu ficava olhando assim, me olhando no espelho e ele não gostava disso. Se você entrasse no banheiro eu ficasse lá mais do que cinco minutos: Sai do banheiro, está fazendo o que aí dentro aí? Era um homem super desconfiado, muito brabo, muito nervoso, muito exclusivo. Tudo isso porque acarretou, as torturas acarretou isso na cabeça dele, é desconfiadíssimo, desconfiava de todo mundo. Então nós fomos criados sob tortura também, porque psicologicamente ele era um homem torturado, porque ele tinha desconfiança. Ele, antes de começar, por exemplo, fazia uma coisa errada, tipo assim, quebrou o copo. Nossa, era uma surra porque quebrou o copo. Tomou bomba na escola, era uma surra porque tomou bomba na escola e batia mesmo, batia mesmo. Uma vez ele deu uma surra, que eu fiquei tão assim, tão, como eu te disse, amedrontada, porque eu fiquei dias e dias com medo de sair lá fora, com medo de sair de dentro do quarto, eu não queria saber de comer, eu não queria saber. Eu fiquei assim dias, eu ia para a escola, eu tinha medo, comecei a tomar, aí começou a atrapalhar mesmo a minha escola, porque ele batia mesmo, mas isso veio através dessas torturas e ele não contava, assim, ele passava lá dentro, mas se ele era um homem assim, porque ele não era assim antes da cadeia, mas depois que ele foi preso começou a ficar. Não queria vizinho dentro de casa, o vizinho lá: O que essa mulher está fazendo aqui? Porque que eu quero vizinho dentro de casa? Era assim, muito desconfiado. O teu dever de casa? Vem cá, deixa eu ver. Está errado, faz de novo. Quando ele falava assim: Eliza, vem aqui. Eu falava: Senhor, pai, era assim, ou não senhor e sim senhor. Senhor, pai, vem aqui. Era assim. Chegava assim, senta aí. O seu dever, cadê, deixa eu ver? Está errado, faz de novo. Às vezes eu temia tanto de medo de apanhar, gente, que eu urinava na roupa de medo, eu urinava na roupa de medo de ele me bater, mas aquilo não estava nele, aquilo é porque ele foi

muito, foi muito torturado. Um homem desconfiado, um homem bravo demais. Então nós fomos criados sobre essa herança da tortura dele, que ele passou lá. Não era um pai amoroso, se eu falar que era, eu estou mentindo, não era, não era. Aquele homem que te pega, fazer carinho, beijo, nunca me lembro de uma cena assim, desde que nós éramos pequenos. Então isso acarretou uma coisa muito ruim em mim, muito ruim. Às vezes eu tento, assim. O que me ajudou muito mesmo foi a minha fé que eu tenho em Deus, que a graça de Deus e a igreja me ajudou muito, né, conversando, né, com as pessoas, ouvindo o relato das pessoas que passaram por situações iguais ou piores do que as minhas. Você vai ouvindo e aqui para a nossa. Mas tudo isso aconteceu com a gente, que sirva de lição para a gente ver como que a gente é pequeno. Tem gente que se acha tão grande, que pisa nos outros, isso não é nada. Sinto dizer para vocês, muita dor, que a ditadura mexeu muito com a nossa vida, com o nosso modo de agir, os meus irmãos são tudo assim também. São desconfiados, são bravos, porque fomos criados assim, sob essa cultura, dentro de casa ele não queria ver ninguém à toa, tinha, todo mundo tinha que fazer alguma coisa, tinha uma obrigação para fazer, se não fizesse, couro. Entendeu? Então tudo isso aconteceu por causa dessas coisas que ele passou. Ah, mas não justifica. Justifica, justifica, talvez não justifique, mas ele sabe pelo que ele passou. Entendeu? Sabe Deus quantas coisas mais ele passou lá dentro que ele não quis relatar? Aquelas páginas restritas lá, que o rapaz falou que foi. O que foi, o que é página restrita? Porquê? Ele falou que tem coisas que a senhora não pode saber, sabe, pode ver que vai te constranger, vai te deixar muito triste, então é melhor que a senhora nem saiba, por isso é que é restrito. E até hoje eu tenho na minha cabeça, o que fizeram com o meu pai que tornou ele um homem, um homem tão assim, digamos, frio. Até senti, meu diploma de escola estava lá escondido, porque lá, lá estava escondido, eu vi o rostinho dele assim, de onde estou aqui, tá, mas não apareceu. Bem lá atrás não apareceu em público. Não foi lá me pegar, pegava, nem para levar para casa, tive que ir a pé, porque ele não pode me levar para casa. Então isso marca muito a gente, então eu não quero que volte nunca mais. Tem gente que quer, porque tem eu já escutei pessoas falando, tem vezes que eu ouço na rua: Ai, eu queria que voltasse a ditadura. Não sabe o que está dizendo, porque não passou pelo que nós passamos, fome, humilhação, é muito triste, é muito vergonhoso, não quero que volte isso não, Deus me livre. Se eu lembrar de mais alguma coisa, porque a minha mente ultimamente anda, assim, divagando, eu tenho

coisas que eu lembro, coisas que eu não lembro. Se eu me lembrar de mais alguma coisa, eu posso, posso voltar aqui para contar?

**ENTREVISTADORA:** Claro, pode contar com a gente sim. Pode mandar.

**ELIZA:** Eu vou falar com os meus irmãos também, porque talvez ele falando eu vou lembrar.

**ENTREVISTADORA:** E você pode mandar relato escrito, todo escrito também, se for difícil para a senhora vir aqui. Que aí a gente considera também o quê que a senhora.

**ELIZA:** Os relatos escritos.

**ENTREVISTADORA:** É, isso.

**ELIZA:** O meu irmão Messias, o meu irmão Luiz Carlos, o meu irmão Antônio, o Antônio era muito pequenininho, o Antônio, a Maria Aparecida, eles eram muito pequenos, não sei se eles vão lembrar, mas se eles lembrar de alguma coisa, eles vão mandar por escrito, eles estão lá em São Paulo, não moram aqui. O Antônio, a Maria Aparecida e o Luiz, moram tudo em São Paulo e Messias e eu aqui.

**ENTREVISTADORA:** Ele era do partido comunista ou ele não fazia parte do partido, me diga?

**ELIZA:** Ele disse que não era comunista, ele dizia que não era comunista. Mas porque então ele era preso? Será que estava distribuindo o Jornal do Povo?

**ENTREVISTADORA:** Porque nos relatos que a gente tem, nesses arquivos do Arquivo Público do Comede né, que foi da indenização do Estado de Minas Gerais, os relatos é de que ele era do partido comunista e participava do grupo dos onze.

**ELIZA:** Sim, está até escrito aqui.

**ENTREVISTADORA:** É, mas a senhora não tem, é só parte do documento mesmo?

**ELIZA:** É, eu não tenho, eu não tenho lembrança disto.

**ENTREVISTADORA:** Entendi.

**ELIZA:** Se eu falar que eu estou, que eu tenho, eu estou mentindo, eu não tenho.

**ENTREVISTADORA:** Me fala, quando o Senhor Belizário estava em casa, é assim, né, entre esses períodos de prisão, ele ficava em casa ou ele não ficava em casa? Ficava mais fora na rua fazendo outras coisas e tal?

**ELIZA:** Ele ficava mais fora de casa.

**ENTREVISTADORA:** E você sabe se ele teve algum trabalho ou alguma coisa assim?

**ELIZA:** Ele era vendedor, né?

**ENTREVISTADORA:** Mesmo durante, entre as prisões. É, entre as prisões.

**ELIZA:** Ele era vendedor.

**ENTREVISTADORA:** Mas ele era vendedor de uma loja ou não?

**ELIZA:** Vendedor de biscoitos, de bala, de doces, essas coisas. Trabalhava na Aymoré, que é aquela Confiança, né? Trabalhou muitos anos lá, tinha até diploma de bom vendedor. Ele trabalhou de 45 a 82.

**ENTREVISTADORA:** É, isto, isto, exatamente. Quando que ele faleceu?

**ELIZA:** Acho que em 2002.

**ENTREVISTADORA:** Depois que saiu, depois que ele, aí vocês perderam o contato com ele?

**ELIZA:** Perdemos contato, porque a mulher, a atual mulher não queria que nós tivéssemos contato com ele, porque nós saímos daqui e fomos para Brasília, de Brasília para São Paulo, ficamos lá 36 anos, em São Paulo e perdemos contato com ele.

**ENTREVISTADORA:** Ele ficou aqui?

**ELIZA:** Ele ficou aqui.

**ENTREVISTADORA:** Vocês foram para Brasília sem, depois que vocês se separaram? Quando se separou?

**ELIZA:** É, foi, foi depois. Nós ficamos lá 7 anos e meio, de lá fomos para São Paulo, ficamos lá 36 anos. Agora eu estou de volta, morar aqui com o meu irmão Messias e os outros ficaram lá. Minha mãe falecida já, Maria da Conceição é falecida, então a casa era muito grande, eu sozinha ali, não dá para ficar aqui não. Deu uma depressão, eu perdi muito peso, agora eu estou gorda assim, mas eu era muito magrinha, porque eu não comia, a vida era só chorar. Ele tinha plano, né, e a minha mãe era uma mulher de orar dentro de casa, ela fazia oração em voz alta dentro de casa, dava conselhos, então fez muita falta, faz falta, uma mãe faz muita falta. Então para mim não ficar lá, eu vim de volta para cá. Sou solteira, não tenho filhos, vim para cá. Todo mundo casou lá em casa duas vezes, três vezes, eu casei nenhuma vez.

**ENTREVISTADORA:** Entendi.

**ELIZA:** Talvez, às vezes eu acho que talvez por essas coisas, me deixou uma pessoa assim fechada. Eu sou uma pessoa, conversando com vocês aqui agora, mas eu não sou uma pessoa, assim, aberta, uma pessoa, assim, que vai, que tem vida social. A vida é só assim ó, trabalho, casa e igreja, trabalho, casa e igreja. Eu não vou, assim, em festa, aniversário, saio para dançar, nada disso. Então talvez isso me deixou uma pessoa, assim, fechada. Medo, eu tenho medo, eu tenho medo de sair de noite na rua, eu não saio de noite na rua. A igreja é perto da minha casa, da casa que eu moro



agora, então saio da igreja e até em casa é pertinho, mas assim para longe, viajar sozinha, não sei o quê. Eu estou pensando em buscar a minha sobrinha lá em São Paulo, que ela quer vir para cá, está nas férias do fim. Eu estou pensando como é que eu vou fazer para buscar sozinha. Tudo bem que eu vou ter que vir com ela, mas eu não gosto de ficar sozinha, eu tenho medo de ficar sozinha. Dentro de casa eu tenho medo de ficar sozinha, eu tenho que ligar o rádio, a TV, escutar a voz de gente conversando, porque essas coisas, esses acontecimentos, me deixou, acho que me deixou assim e aquele negócio de cada mãe e pai falar, psch, não pode comentar. Oh, chegar alguém aqui, não é para ficar na sala escutando conversa, vai brincar lá fora. Eu queria, que eu queria, eu tinha curiosidade de saber o que que era aquilo, mas eles não deixavam eu saber. Então tantas coisas que eu devia saber e não sei por causa desse, esse segredo que tinha deles, do meu pai, da minha mãe. Talvez eles não queriam que eu soubesse, talvez porque medo de eu contar para alguém, não sei qual era a razão real, mas tudo isso acarretou muita dor. Entendeu? É uma coisa que dói muito e tem gente que fala: Ai, podia voltar a ditadura, acabar com essa. Volta não, depender de mim não volta nunca mais, porque é muito triste, muito vergonhoso.

**ENTREVISTADORA:** A senhora foi, tinha assim, às vezes dizer, de vez em quando vocês tinham curiosidade de saber o que que estava acontecendo com os pais? Os seus pais, né, evitavam e tudo mais? Teve algum episódio de que a polícia foi na casa de vocês, ou do seu pai, você tem alguma lembrança disso?

**ELIZA:** Tinha. Teve, teve, teve sim. Teve em 1956.

**ENTREVISTADORA:** Foi a primeira prisão dele?

**ELIZA:** Em 1957. É. Eles iam na casa da pessoa.

**ENTREVISTADORA:** E isso. Ah.

**ELIZA:** E buscavam a pessoa mesmo.

**ENTREVISTADORA:** Mas a senhora estava presente?

**ELIZA:** Eu era muito pequena, eu não lembro.

**ENTREVISTADORA:** Não lembra, né?

**ELIZA:** Porque eu nasci em 53. Agora, agora é essa vez da Rua Flor das Pedras, eu não estava dentro de casa quando ele foi preso. Nós ficamos sabendo porque alguém foi lá e avisou: Oh, o seu marido está preso. Não lembro quem foi que avisou, mas alguém foi lá em casa, na rua Flor das Pedras, e avisou: O seu marido está preso. Inclusive ele foi preso também em Juiz de Fora, tiraram ele daqui. Foi preso no DOPS. Entendeu? Mas assim, não foi dentro de casa dessa vez, na Rua Flor das Pedras.

**ENTREVISTADORA:** Essa que ele ficou mais tempo, ele estava na rua?

**ELIZA:** Na rua. Entendeu? Às vezes trabalhando, vendendo alguma coisa, eles ficavam de olho, né, de campana, observando os passos da pessoa, qualquer oportunidade eles pegavam. Entendeu? Eu queria lembrar mais coisas. Talvez, porque sabem de uma coisa?

**ENTREVISTADORA:** Isso aqui tem outro também.

**ELIZA:** Os meus irmãos, Luiz, Messias, eles lembram de algumas coisas. Eu não lembro de muita coisa. Se eu contar aqui coisas que eu não lembro, eu estou mentindo, eu tenho que falar o que aconteceu, o que eu vi, presenciei ou o que a minha mãe me contou. Se ela estivesse viva, gente, se ela estivesse viva ela ia contar muita coisa agora, né? Está aqui ó, o atestado de óbito dela. Talvez ela ia contar, assim: Olha, aconteceu isso, aconteceu aquilo.

**ENTREVISTADORA:** Aham, ela saberia.

**ELIZA:** Ah sim, mas ela não está presente, então, né, sinto muito. O que eu posso contar para vocês é isso, agora se eu me lembrar, conversando com os meus irmãos, se eu me lembrar qual é, que eu lembro aquela, aí eu volto aqui. Eu posso voltar?

**ENTREVISTADORA:** Pode sim. Pode. Não, aí a gente vai precisar é de relato escrito, porque a gente está com o prazo muito curto.

**ELIZA:** Tá. Eu escrevo e mando a carta para cá ou mando alguém trazer?

**ENTREVISTADORA:** Sim. Aí a gente conversa.

**ELISA:** Tá.

**ENTREVISTADORA:** E você tem o meu número também, você pode me ligar. Porque a gente está, a gente tem um prazo, né, para poder terminar. A gente só tem até poucas semanas para a gente terminar, então a gente não está abrindo mais para.

**ELIZA:** Posso pegar este?

**ENTREVISTADORA:** Claro, deixa eu só.

**ELIZA:** Ali fora a gente conversa.

**ENTREVISTADORA:** Mas a gente não está. Tem que finalizar esses relatos orais, a gravação aqui na sede, aí a gente está fazendo isso. Entendi? Depois se a pessoa lembrar de alguma coisa, acessar algum documento, aí escreve e manda para a gente.

**ELIZA:** Escreve e manda. Ah tá, entendi.

**ENTREVISTADORA:** Porque senão a gente não vai conseguir.

**ELIZA:** É muita gente, né. Não é só só eu, tem várias pessoas, né, que passaram por isso.

**ENTREVISTADORA:** Isso, tem vários casos.

**ELIZA:** É. A gente já terminou as perguntas já?

**ENTREVISTADORA:** Não, é, eu só, o que eu queria saber, mas acho que aí a senhora já contemplou aqui. Que as vezes que ele saiu, ele ficou mais uns dois anos com vocês e depois?

**ELIZA:** Saiu de casa para morar com essa mulher, eu acho que é Maria da Conceição, esquece, Maria da Conceição Fausta Rodrigues, ela assina Rodrigues que é o sobrenome dele.

**ENTREVISTADORA:** Sim, claro. E os motivos? Você sabe os motivos? Se eu saísse com o carro e tudo?

**ELIZA:** Não sei, não sei.

**ENTREVISTADORA:** Mas você tem algum que você imagina?

**ELIZA:** Eu sei que ele era muito, um homem duro, seco, pouca conversa. Eu era assim. Não sei dizer os reais motivos que ele saiu de casa e morou com essa mulher, Maria da Conceição Fausta, morou uns 30, 31 anos.

**ENTREVISTADORA:** Uhum, sim. Bom, então eu vou finalizar aqui, aí depois a gente conversa mais. Agora é 3 e 20 da tarde, a gente vai finalizar a oitiva da Eliza Rocha Martins, filha do Belizário Ferreira Rodrigues. Estão presentes as estagiárias, Larissa Assis, Maria Cruz, e umas da Covemg. Muito obrigada, viu, Eliza.

**ELIZA:** Eu que agradeço.

**ENTREVISTADORA:** Muito obrigada.

**ELIZA:** Sinto não poder lembrar mais coisas, né. Se eu lembrar eu escrevo, então.